

DISCO

MUNDIAL

N.º 25 — ANO I — 30 DE DEZEMBRO DE 1947



BOAS
ENTRADAS!

18



★ BOAS ENTRADAS

Os correspondentes do RISO MUNDIAL em África à sua chegada a Lisboa saudam todos os nossos leitores desejando-lhes umas boas saídas... dos apuros difíceis e umas melhores entradas... sem serem de favor onde V. Ex.^{as} muito bem entenderem

10 PENSAMENTOS PROFUNDOS

Quando se diz que uma mulher é comprometida com «fulano» para casar-se, não acredites. Com a certeza esse fulano é comprometido.

O sexo fraco é sexo forte devido à debilidade que o sexo forte sente pelo sexo fraco.

A pobreza seria uma coisa muito bonita, com dinheiro.

Não é a mesma coisa dizer: A mulher ideal, entre um milhão, que: A mulher ideal com um «milhão».

Porque é que, quando alguém grita; Idiota! na rua, todos voltamos a cabeça?

Ha pessoas que são um pedaço de pão; não obstante não se pode fazer «migas» com elas.

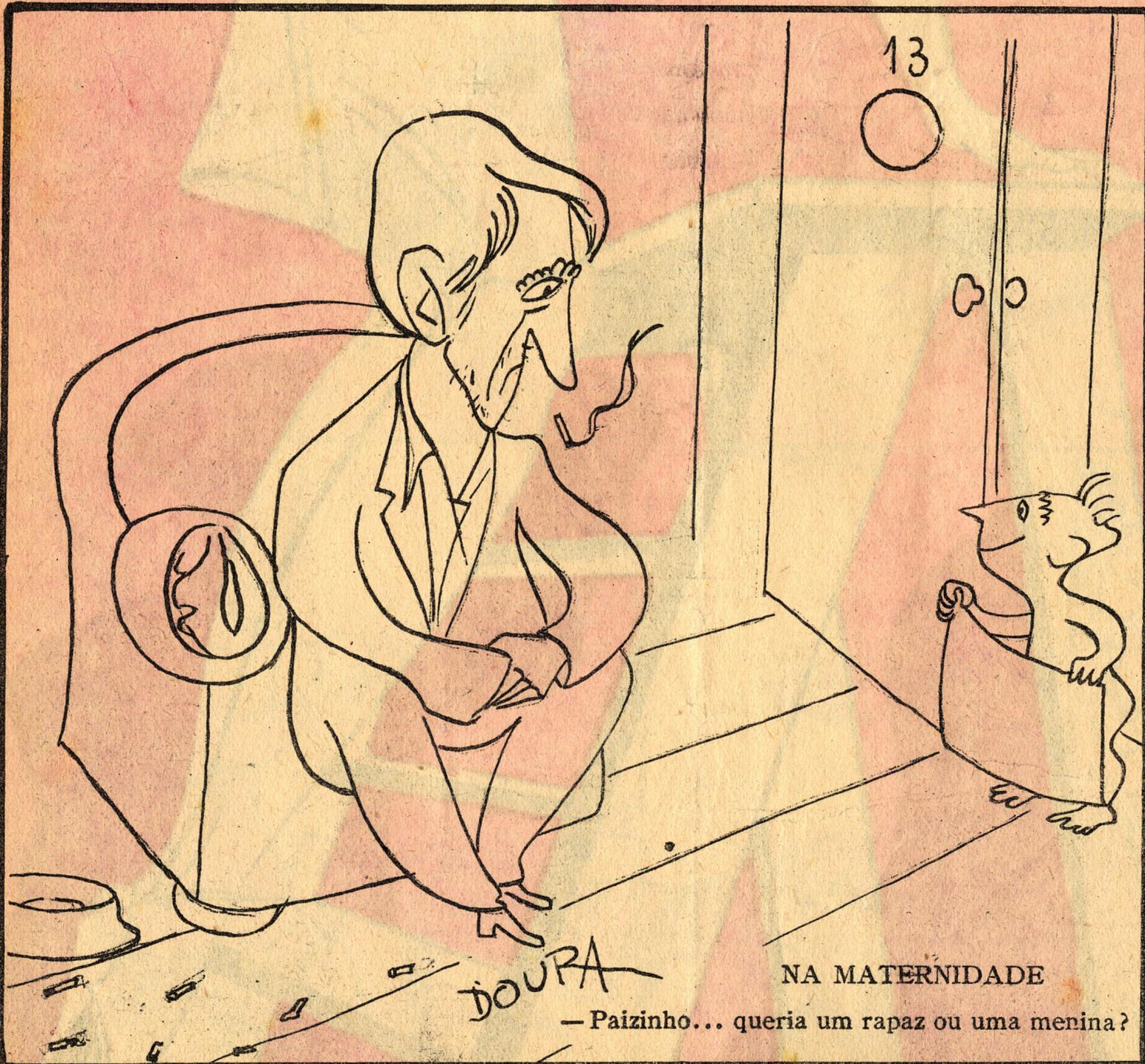
Não é nada possível, que um vendedor de caloriferos, admire a primavera.

A mulher, é um dicionário, em que a palavra lógica foi abolida.

Com que então não ha para ti, amigo leitor nada pior do que uma sogra? Ha sim, senhor; duas sogras.

Se hoje pagares as tuas dividas ficarás aliviado...; amanhã acordarás sem dividas... e sem dinheiro...

(Tradução e adaptação do espanhol por ANTERO NUNES MOREIRA.



DOURA

NA MATERNIDADE

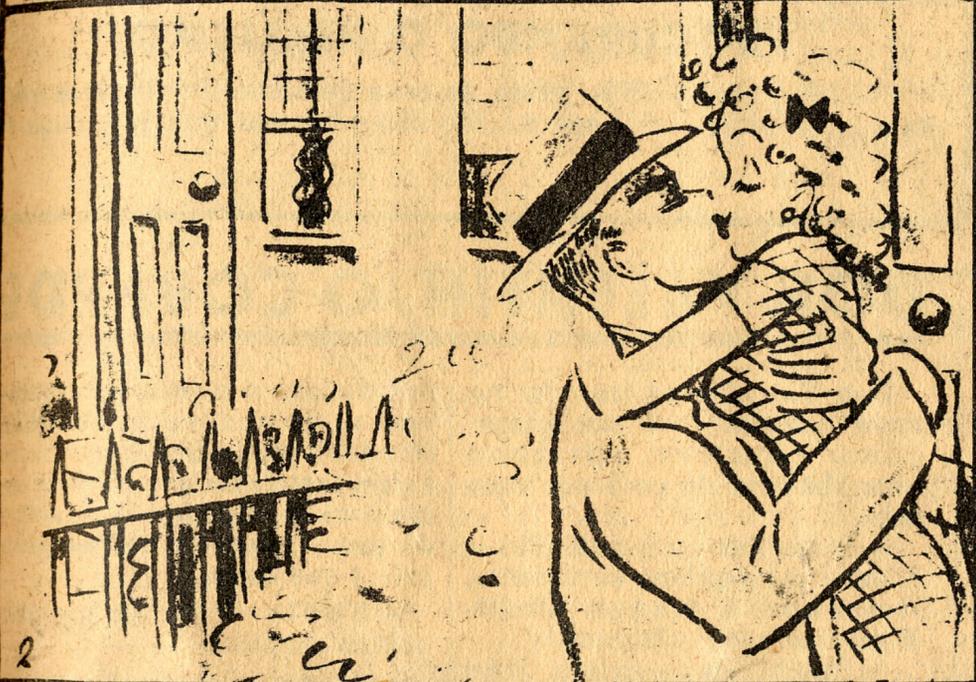
— Paizinho... queria um rapaz ou uma menina?

:-: DOIDICES :-:

— Acudam-me!
 — O que tem você para estar a gritar dessa maneira?
 — Enguli a fava!
 — Então, isso é caso para você fazer essa gritaria?
 — Acudam-me!...
 — Mas ó homem o que tinha a fava de especial?
 — A fava não tinha nada, pior foi a madeira!
 — A madeira?
 — Sim, a madeira da carroça!
 — Da carroça? Você enguliu alguma madeira?
 — Enguli a carroça!... Acudam-me!
 — A carroça?
 — Sim, mas isso não é o pior! O pior foi ainda o burro que estava agarrado!
 — O burro?
 — Pois, o burro! Eu estava a comer um bolo de rei e nisto topo a fava. Ao mesmo tempo um burro que estava por ali perto precipitou-se para a comer e zás. Eu ia para a trincar e foi o que o senhor vê: enguli a fava a carroça e o burro!... Acudam-me!
 — Mas o senhor não tem cara de quem comeu todas essas coisas!
 — Não tenho? Ainda se fosse só isso!
 — ???
 — E' que também enguli a cavalariça!
 — Então, boas saídas e Sara-mago!

DON TARA

O AMOR NÃO TEM HORÁRIO



RECEITAS DO MESTRE CALDEIRA

FARRAPADA DE CARNE

(PRÓPRIO PARA PENSÕES DE 4.º ORDEM)

Aproveitam-se todos os restos que ficam nos pratos que vão lá para dentro, para a cozinha. Mistura-se um quilo de farinha de pau carunchoso, borriça-se com cinco gramas de sais de carne, deita-se um dente de alho que não esteja cariado e vai ao lume numa frigideira untada com meio mililitro de azeite.

Frita-se em lume vivo e re-

tira-se cinco minutos depois, para poupar o carvão que está muito caro.

Colaca-se o petisco numa travessa oval e enfeita-se com um ovo cozido muito bem mi-gadinho a fingir que é muito.

Este prato é delicioso mas não se deve dizer aos hóspedes que é feito com aquilo que eles rejeitaram.

VIDA E MORTE

DUM HOMENZINHO METODICO

Por LEO

Tibúrcio teria uma história banal, idêntica à de muitos outros bípedes, se não fosse a incrível fobia do método que o acompanhara desde o berço.

Esse deselegante individuo que descia a Bica a pé, duas vezes por dia, e outras tantas retirava do bolso do colete, com irritante certeza, uma moeda de vinte centavos para pagamento do elevador, tornara-se o alvo da minha atenção, durante alguns meses.

Um dia, consegui saber a sua vida invulgar, desde o nascimento precoce, aos sete meses de gestação, até à morte prematura, e não resisto à tentação de a narrar.

* * *

Tibúrcio viu a luz do dia numa sexta-feira, ao bater das 12 badaladas num sino qualquer, de qualquer igreja, numa aldeia qualquer. (A pedido da família do saudoso extinto omito estes dados biográficos, para que não seja facilmente reconhecível).

A primeira pessoa a pegar-lhe foi a Gertrudes, mulher com longa prática no trato com encomendas chegadas de França. O primeiro sintoma de fobia metódica notou-se em Tibúrcio alguns minutos após o nascimento, quando a boa mulher o deitou sobre o lado esquerdo. Coisa incrível! Como poderia ela olvidar as graves consequências deste acto para o coraçãozinho do recém-nascido? Tibúrcio deu meia volta e adormeceu placidamente sobre o lado direito, ante o olhar espantado da Gertrudes.

O menino cresceu. Chegada a altura dos estudos a sua maior preocupação eram os lápis bem afiados, os cadernos impecáveis de alvura e os livros metódicamente alinhados na estante. Isto diferenciava-o de todos os condiscípulos.

O menino continuou a crescer. Chegara aos vinte anos. Até aí, quando se falava em Tibúrcio, tinha-se a impressão de estar falando da Ordem, da Arrumação, de qualquer coisa incrivelmente controlada e mecânica, como um relógio de precisão. Acabados os estudos, Tibúrcio empregou-se num escritório. A sua vida regrada impressionou, logo de início, uma dúzia de colegas. Mas soava a primeira pancada das nove, a porta da secção abria-se e Tibúrcio, pequeno, gorducho, mas sempre direito, fazia a sua aparição.

Despia o sobretudo, pendurava o chapéu no cabide. A

última pancada a acabar de se ouvir e Tibúrcio estava sentado a enfiar as mangas negras da profissão. Colocava a caneta, o lápis e a borracha sobre a secretária, em frente do tinteiro.

Tudo paralelo e a borracha na vanguarda. Ageitava os papeis dum lado, o livro de contas-correntes do outro. Durante os anos da sua vida, *desordem*, foi uma palavra desconhecida para Tibúrcio. Ele e as suas ideias faziam lembrar uma montra duma mercearia num bairro pobre, com os seus artigos em exposição perpetua.

Por vezes interferia nas atribuições dos outros, com uma pontinha de vaidade por ter ocasião de fazer notar os seus processos de trabalho, perfeitamente organizados, ou a privilegiada memória, de lembrança automática:

— O' Guedes, has-de parar o relógio, sim? Está adiantado quinze segundos...

Ou então:

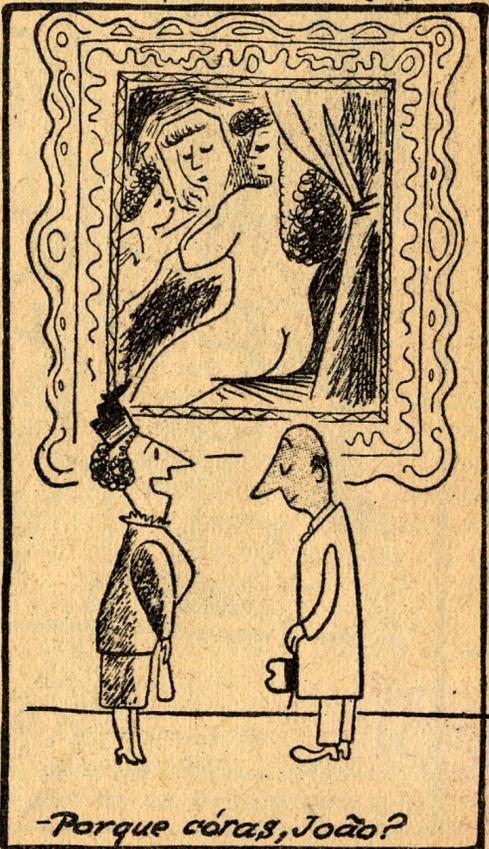
— O serviço vai muito atrasado, sr. Silva? Pois é, meu amigo, a conversa...

E perdia-se em considerações, durante longos minutos, dizendo da vantagem de não falar durante as horas de serviço...

Quando recebia o ordenado trocava as notas por moedas e fazia pequenos rolos. Tanto para isto, tanto para aquilo. Mais um escudo para extraordinários, oito tostões para jornal, um cruzado para elevador, um tostão para os pobres de Cristo... Puff! Que despeção!

Terrivelmente metódico es-

(Continua na pág. 11)



— Porque coras, João?

CRIADA PRECISA-SE

por MARIO NORTON

(SINAL DE CAMPAINHA)

Senhora — Que deseja?

Criada — Eu sou a criada que a agência mandou. A senhora não pediu uma criada?

Senhora — Sim, é verdade. Tem vindo tantas. Faz todo o serviço?

Criada — Todo.

Senhora — Muito bem!... Sabe cosinhar?

Criada — Sei, mas só cosinho para quatro pessoas, o máximo.

Senhora — Exactamente. Nós aqui somos quatro; eu, meu marido, minha sogra e o meu filho.

Passa roupa a ferro?

Criada — Posso passar alguma: a das senhoras. Em roupa de homem não ponho as mãos.

Senhora — Encera a casa?

Criada — Ora essa! Eu!... Impregnar as minhas mãos de cêra? Era só o que faltava!...

Senhora — Bem, isso não tem importância. A mulher a dias, se incumbirá disso. Lava roupa?

Criada — Quem não encera, não lava. Os motivos são os mesmíssimos. Tenho as mãos muito finas.

Senhora — Ah! não lava, não encera e passa algumas roupas...

Criada — Agora preciso de ver a casa... E' grande?

Senhora — Faça o favor de entrar, veja...

Criada — Com licença! Uma sala, duas, um corredor, chi, não, gosto da cosinha longe da

sala de jantar... Cansa-se muito. Trez quartos... é grandinha...

Senhora — E' lá nos fundos...

Criada — Nos fundos?... Que horror! Ladrilhado ou assoalhado?

Senhora — A madeira, sim, senhora?...

Criada — Aos sábados, saio sempre às trez horas para ir ao cabeleireiro e à «manicure».

Senhora — Toda a tarde!

Criada — Toda a tarde. Aos Domingos ponho a mesa às 11 horas, saio e não volto senão de madrugada... Diariamente meu noivo vem-me visitar às 8 horas. Assim o jantar será servido sempre às 7 horas em ponto...

Senhora — E quanto quer de ordenado?

Criada — 300\$00, e quero que me pague o transporte, de táxi e o da bagagem.

Senhora — Aceito as suas condições, não estou disposta a procurar mais criadas.

Criada — Então começarei amanhã, esta tarde não posso.

Senhora — Combinado.

Criada — Até amanhã, minha senhora.

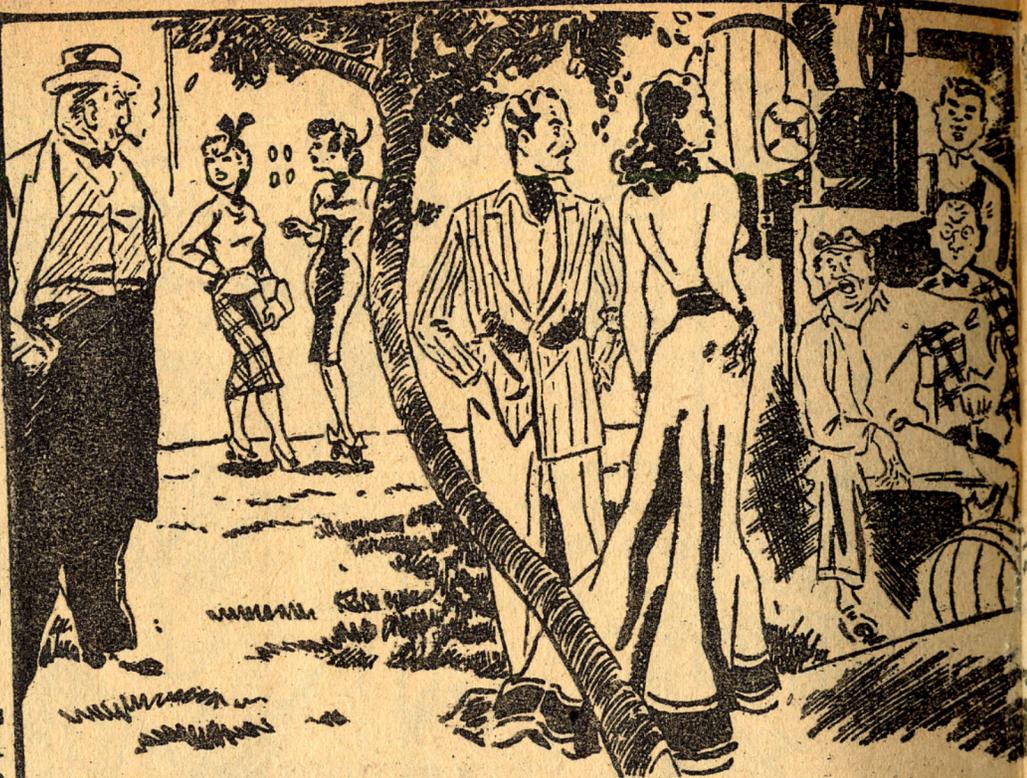
Senhora — Mas...

Criada — Que deseja?

Senhora — Falta-me ainda perguntar-lhe uma coisa. Você toca piano?

Criada — Não!

Senhora — Então, nesse caso, não me serve!...



PROCURANDO O REALISMO

— Não, não!... Não gosto da cena de amor! Porque, em vez de a interpretar com o seu marido não o faz com qualquer outro?

DON VALENTIN, O COBARDE

Don Valentin, ao tropeçar na mesa ocupada por um parroquiano corpulento, entornou uma chávena de café por cima dele.

— Podia ter mais cuidado! — disse o parroquiano corpulento, limpando a manga direita. E acrescentou: — Imbecil!

— Repita isso — gritou Don Valentin, esticando o braço, desafiando.

— Disse «imbecil», porquê? — Pois você é um mefato! — berrou num insulto Don Valentin, cheio de ira.

— Como disse? — perguntou, perplexo, o parroquiano corpulento, que nunca ouvira aquela palavra.

— Disse e repito! Mefato! O parroquiano corpulento, desconcertado e, sem saber como raciocinar, balbuciou para ganhar tempo:

— Animal. — Ponjaro, meco, chacopo! — grita Don Valentin, soltando esta série de insultos. — Ouviu, pedaço de gasgo?

O parroquiano corpulento lançou um olhar aos amigos que o acompanhavam, pedindo-lhes conselho.

— Não lhe podes pegar sem saber o significado dos seus insultos — disseram-lhe. — Não seria justo.

— Estúpido — voltou a dizer o parroquiano, para ver se Don Valentin acabava por dizer qualquer insulto compreensível que o irritasse verdadeiramente.

— Birrotel! — ululou Don Valentin, que não se calava. — Você é um vulgar comundo, compreende? Fuja da minha vista, sanfrito!

O parroquiano corpulento, desarmado, não sabia o que fazer. Os clientes do «café», que

presenciavam a cena, assombravam-se de que um homenzinho tão débil como Don Valentin se enfrentasse com um gigante como aquele, dirigindo-lhe, acima de tudo, injúrias horríveis pelos gritos que dava.

— Tonto — tornou o parroquiano corpulento.

— Pois se eu sou tonto você é um goscoles!

— Goscoles? — repetiu o parroquiano corpulento, de boca aberta. — E que significa goscoles?

— Eu não tenho culpa que sejas um inculto, seu traco!

— Que devo fazer? — suplicou o parroquiano aos seus amigos que seguiam a cena com atenção.

— Não podes fazer nada — disse o mais velho de todos, encalando os ombros. — Não te podes sentir ofendido por uns insultos cuja magnitude não conheces.

— Atreva-se, vamos! — provocava-o Don Valentin, apertando os punhos cheio de raiva. — Surro!, Zampégino!, Retroque!

— Ande, vá-se embora, por favor — rogou-lhe o parroquiano corpulento, desconcertado.

Don Valentin sorriu com infinito desprezo. Logo, ante admiração de toda a clientela abandonou o «café», com passo firme e ar importante.

Uma vez mais, o seu truque de inventar insultos desconhecidos que não figuravam em nenhum dicionário, lhe havia permitido discutir com um homem valente, sem expor o seu corpo de cobarde ao rude contacto dum bofetão.



NOIVOS

— Até quando terei de dar quatro escudos ao teu irmãozinho para que vá ao cinema e nos deixe em paz?

(Tradução e adaptação da «CO DORNIZ» por Yo Soy Yo)

Ó TIANA!...

Por ROUSSADO PINTO

Foi no mercado de Campo de Ourique. O Anastácio resolvendo fazer as compras, dirigira-se à secção do peixe, e como sempre, foi ter com a sua vizinha, a sua amável vizinha Maria, que ali tinha uma bancada. Pessoa a quem devia alguns favores, nem por sombras admitia que lhe entrasse no estomago outro peixe, que não, o da vizinha,

Anastácio:—Ora então, bom dia.

Maria varina:—Tá bonzinho, ti Anastácio?

Anastácio:—Cá vamos andando com esta vida dos demónios! O que tem hoje, ó senhora Maria?...

Maria varina:—Pargo, carapau muito fresquinho...

Anastácio:—Muito fresquinho é como quem diz... E' peixe do frigorífico.

Maria varina:—Fegorifo?! Não tá bom de cabeça o homem! Bêja estas tripas, se não cheiram que é um gosto!

Anastácio:—Se cheirar tripas é um gosto—os gostos hoje em dia andam muito pôdres! A como é a dúzia?

Maria varina:—Para si é a des mé reis e não diga que vai daqui.

Anastácio:—A como? Dez escudos! E' maluca a mulher.

Maria varina:—O ti Anastácio não ofenda... que nunca ofendi a vomecê!

Anastácio:—A dez escudos? Dou-lhe a cinco e mesmo assim tenho que dizer à minha mulher que foram a quatro e aquela santa que foram a dois.

Eduardo (aproximando-se):—Bom dia!

Maria varina:—Como tão os anjinhos, ti Eduardo?

Eduardo:—Está tudo bem... Mas quem vejo?!... O Anastácio!

Anastácio:—O Eduardo! (em pensamento) Peço a todos os santos e arcanjos que não me peça os cem «paus» que lhe devo!

Eduardo:—Venham daí esses ossos, seu Anastácio! Vá um abraço!

Anastácio:—Mas que prazer! A família?

Maria varina:—Deem abridela! daqui a bocado não bendo a teca para tarem aí com cumprimentaduras! Toca a andar meninos!

Anastácio:—Chega-te para aqui, Eduardo. Então os bebés? São dois, não é?

Eduardo:—E' verdade. Dois amores! Calcula que a mãe não tem leite e são amamentados com leite de burra!

Maria varina:—Tão, ó ti Anastácio, sempre quer este amor de carapau ou não?

Anastácio:—Dás licença, ó Eduardo! Quero duas dúzias se o vender por metade.

Maria varina:—Antes duas pernas partidas. Isto que tá aqui, pela alminha dos que já lá tão, custou-me a nove e vendo a dez! Acha que me safo?

Anastácio:—Ó Eduardo, carapau a dez escudos a dúzia! Se isto pode ser!

Eduardo:—Eu para mim não gosto desse peixe.

Anastácio:—Nós, lá em casa também o não comemos—é para o gato!

Maria varina:—Pró gato!... E' capaz de ser mas é pró cabelo! Armados em peros maduros!... O' ti Ana! O' ti Ana!

Anastácio:—Já viu o meu carapau hoje? E' fresquinho e bom... Pela luz destes, que a terra ha-de comer, como na praça não ha outro igual.

Ana:—Bom dia, senhora Maria.

Maria varina:—Bom dia, ti Ana. Beja esta riqueza... E' a dez a dúzia e nada menos!

Ana:—A dez a dúzia? Não se pode viver!

Anastácio:—Então, ó senhora Maria, sempre vende o carapau ou não?

Maria varina:—Ó ti Anastácio, a minha palavra é sagrada. Lá por não usar quico... se pega a dez é levar!

Ana:—Que feliz encontro! O' senhor Eduardo, que prazer tenho em encontrá-lo!...

Eduardo (vivamente atropelado):—Bom dia, senhora D. Ana.

Ana:—Por aqui?! Então hoje não foi dirigir as suas fábricas?!

Eduardo:—É verdade... hoje fiquei por cá! (em pensamento). Arranjei-a bonita. Isto vai ser o fim do mundo!

Ana:—O' senhora Maria... Apresento-lhe o meu futuro genro. E' o noivo da minha Micas.

Maria varina:—O que tá a dizer?!?!

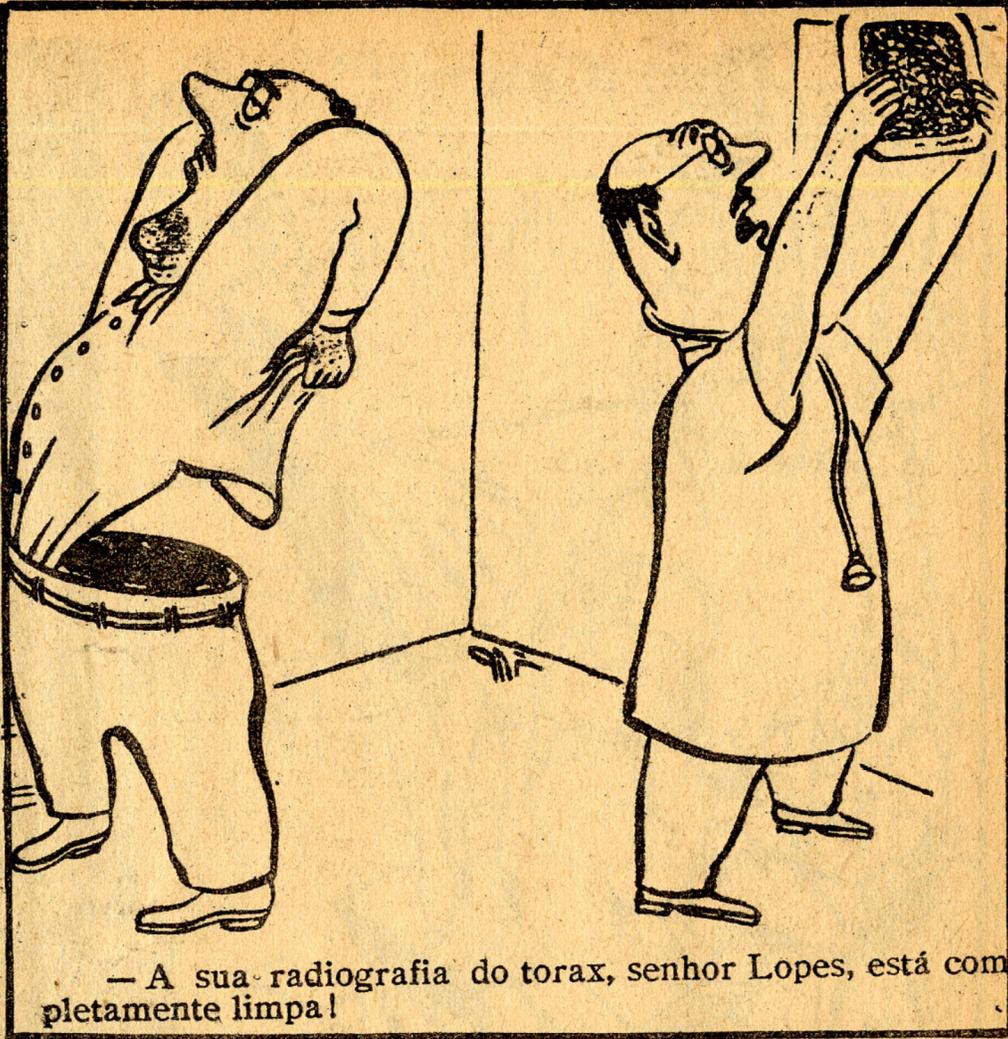
Anastácio:—Noivo?!?!

Maria varina:—Mas, ó ti Eduardo, vomecê não é...

Eduardo (interrompendo):—Pois sou. Senão fosse não era e como sou é porque já o fui!

Como vai a Miquinhas, senhora D. Ana?

Ana:—Suspirando de amores por si! Como você conseguiu que ela se apaixonasse daquela maneira! E' uma



- A sua radiografia do torax, senhor Lopes, está completamente limpa!

loucura, é uma loucura... Já comprou os dois automóveis?

Anastácio:—Vais comprar alguns automóveis... Como consegues isso com um ordenado de funcionário, é que não percebo.

Ana:—Funcionário? Mas... Eduardo (interrompendo):—Se me dá licença, senhora D. Ana, apresento-lhe o meu amigo Anastácio de Cruz, director da Sociedade Ilimitada de Terrenos Hipotecados.

Anastácio:—Director de quê?

Ana:—Que firma tão esquisita! Muito prazer! Então o sr. director vem ao carapauzinho?... Olhe que este tem boas tripas!

Anastácio:—Muito prazer, minha senhora... E' pró gato.

Maria varina:—Mas ó ti Eduardo, tão vomecê não é casado?

Eduardo:—Que disparate, minha senhora!... Casado?! Terei porventura cara de casado?

Anastácio (em pensamento):—Agora é que vão ser elas!

Ana:—Este senhor, casado? Está enganada, minha senhora. Este senhor que tem doze fábricas no Alentejo é o noivo da minha Micas!

Maria varina:—Fazer o ninho trás das orelhas á que não deixa! Este senhor, que é o ti Eduardo mora ao pé de mim, no Beco das Queijadas Salgadas e tem dois anjinhos!

Ana:—Num beco!!... Este senhor tem doze fábricas de cortiça!... Agora num beco! São estas mulheres que fazem a infelicidade dum lar, não é verdade, senhor director?

Anastácio:—Não sei, minha senhora... Faça de conta que eu sou um cadáver!

Ana:—Um cadáver?!?

Maria varina:—O' ti Ana... Você pensa que consinto

que me chame aldrabona... Esse home é casado com a Beatriz da merc'aria e tem dois anjinhos! Fábricas? E' parva, a mulher!...

Eduardo:—A senhora está a difamar-me! Não a conheço de lado nenhum.

Maria varina:—Não conhece?... Mas para ir pedir os 500 mal reis ao meu Toino já conhecia... Vá mas é pagar o que deve ao carneiro... caluteiro! A enganar a pobre de Cristo! Cara de chicharro! O' ti Ana, tome cautela!

Eduardo:—Ó senhora D. Ana, não faça caso... quer vir? Eu mais o meu amigo director vamos andando!

Anastácio:—Em quem falaste?

Eduardo:—No meu amigo director.

Anastácio:—Onde está?

Eduardo:—E's tu!

Anastácio:—Ah! é verdade, sou eu!

Maria varina:—Director! Director de quê?! Não coma essa, ti Ana. Ele é contino na sociedade do Beco!

Ana:—Continuo?! (chorando). Ai que infelicidade a minha! E eu que lhe ofereci tantas prendas a pensar nas fábricas e nos automoveis! O que vai ser da minha querida Micas! Seu canalha!... Seu tratante da cortiça!... Não fuja, que eu... O' da guarda! O' da guarda! Malandros! Não fujam que eu... E dei-lhe os suspensórios do meu marido a pensar nos automóveis... Não fujam, que eu...

Maria varina:—Olha o carapau... E' um amor, é a cinco a dúzia! Quere uma dúzia, freguez?

Freguez:—A cinco?

Maria varina:—Pela alminha dos que lá tão, que me custaram a quatro e os vendo a cinco. Acha que me safo?

Assine o Riso

O ANO VELHO ESTÁ MAIS NOVO DO QUE PARECE

por SANTOS FERNANDO

O nosso director é implacável: parece que não quebra um prato mas se lhe dessem azo seria capaz, até, de quebrar a fábrica de loiças de Sacavem.

Quando lhe dei as «Boas Festas» e ele meteu a mão ao bolso e retirou a carteira, pensei para comigo: «desta vez é que é certo». Mas, o nosso implacável director — calmo de maneiras, calmo de finanças — tornou a metê-la no mesmo lugar e retribuiu-me as «Boas Festas» com uma ordem terminante que não admitia réplicas.

— Vá fazer uma entrevista ao Ano Velho!

— Uma entrevista ao Ano Velho?... Então, eu é que estou reservado para as entrevistas! ? Ainda a semana passada falei com o Pai Natal! Porque não manda o Pinto!... Não vou, não vou e não vou!

E, tal como as varinas, (mulheres que vendem sardinhas e exibem cachuchos) dei 30 murros no peito.

Alguns minutos depois estava eu a caminho. E' bem certo que nós temos o caminho traçado. De ha um tempo para cá tenho entrevistado tudo: um candeeiro na Avenida, um salva-vidas de «eléctrico», um toiro com os respectivos *cabides*, o senhor Cinema, o Pai Natal e agora o Ano Velho que vai partir para o outro mundo!

Estava a arrumar as botas. Quando lhe dei as «Boas-Festas» ele deu-me com uma na cabeça o que me fez ver estas estrelinhas que estão um pouco acima. Praguejei durante alguns segundos contra ele, contra mim e contra o director.

— Eu sou do «Riso Mundial» — gaguejei.

O Ano Velho coçou o queixo, tornou-se mais sorridente, mas efusivo e foi-me arranjar uma ligadura para atar à volta da cabeça que me abrisse em 5 lados.

— Gosto muito de jornais! — disse.

— Pois claro!... sempre me fizeram publicidade de *borla*. Não vê, por baixo dos cachalhos: «...tal e tal e 1947, 1947 é o meu nome!

Ao dizer isto tornou-se carancudo.

— Não gosto de me chamar 1947, pronto! Todos têm nome e só eu sou tratado por números, como os presos!

— Como os espídes e os submarinos! como diria Pitigrillil!

— Ora veja. Os meus subditos meses e dias da semana têm o seu nome de batismo: Janeiro, Fevereiro; Segunda,

Terça, etc.. Até as épocas em que me dividiram: Primavera, Verão, Outono e Inverno!... todos têm nome!

— De qual gosta mais?

— Ora, ora, que pergunta! Da Primavera, está-se mesmo a ver. Sempre é prima e não é tão abafada como o Verão. Este deve ser, concerteza, do agrado do senhor António Botto!, não acha?

— Eu achava mas era um grande galo na cabeça.

— Não tem pena de se retirar? — pergunto.

— Pena tenho, sabe?! A gente acostuma-se... Já agora gostava de saber, por exemplo, como fica isto das saias das senhoras — compridas ou curtas!

— Qual é a sua opinião senhor 1947, perdão senhor Ano... Velho?

— Isso depende das *canetas*!

— Das canetas dos jornalistas?

— Não, não, das tibeas, das *flautas*, das pernas! Todavia, o melhor é sem elas!

— Sem pernas?

— Não, sem saias. A mulher sem saias é muito mais interessante! Ao principio custa, como tudo, mas depois vem o hábito de andar sem hábito e... e era nessa altura que eu gostava de cá estar!

Quem gosará, então, é o meu bisneto 1950! A vida é isto. Nós temos a facilidade de saber o que houve atrás de nós... agora à frente!... Sinto-me um pouco triste, sim. E' tão bom figurar ao lado das grandes vampes — «Miss Beleza 1947»... a «pin up girl 1947», etc.!

— Que tal será o seu filho, o menino 1948?

— Eu sei lá! Deve ser muito traquina, deve sair ao avô 1946 e ao bisavô 1945!... Esses foram danados: eram de má raça!

E o Ano Velho, continuando a arrumar a sua trouxa, deu um suspiro profundo.

(Continua na pág. 10)



— Menina, gostaria de ver um artigo melhor!

Broas irónicas

Nunca desejes «Boas Entradas» àqueles que acabam de ser presos.

As pessoas que nos dão as «Boas Festas» não o fazem por delicadeza mas sim porque não têm nada melhor para nos dar.

Se eu fosse Pai Natal — dizia certo ladrão — em pouco tempo poderia montar uma sapataria!

Ha cavalheiros tão delicados que ao mandarem as «Boas Festas», expressas num bilhete de visita, eliminam a mania de cuspir no selo... para cuspir primeiro no envelope!

Porque será que a noite de 31 é consagrada ao barulho de toda a espécie — latas, painéis, colunas dos «eléctricos», etc.!

Ele ha para ai tanta casa onde é sempre noite de 31!

Dar as «Boas Festas» de mão estendida não é um principio de falta de educação mas sim aquele principio básico da contabilidade, que diz «quem re-

cebe dá; quem entrega tem a haver».

Quando recebo um cartão de «Boas Festas» a primeira coisa que faço é contar as palavras. Se tem mais de 5, penso: «aqui está uma pessoa que gastou 5 tostões quando poderia ter gasto apenas um tostão». Mas se tem apenas 5 medito e sou levado a concluir que aquele que esteve a condicionar 5 palavras por causa de 1 cruzado é um grande sovina e me deseja umas «festas» bastante mediocres.

* * *

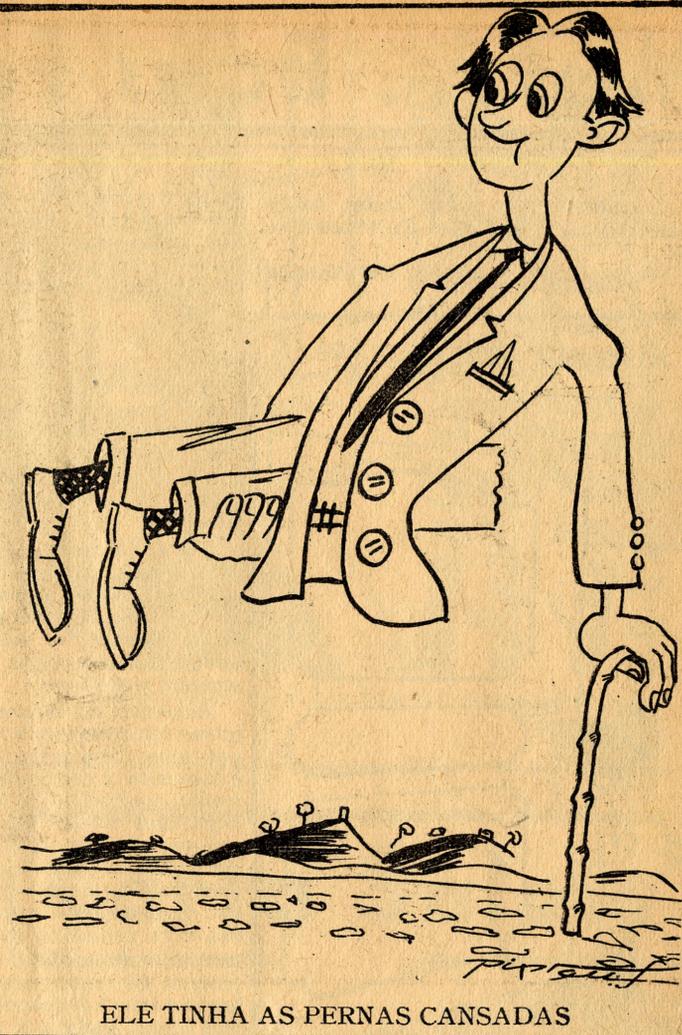
Estava a arrumar as botas. Quando lhe dei as «Boas-Festas» ele deu-me com uma na cabeça o que me fez ver estas estrelinhas que estão um pouco acima. Praguejei durante alguns segundos contra ele, contra mim e contra o director.

— Eu sou do «Riso Mundial» — gaguejei.

O Ano Velho coçou o queixo, tornou-se mais sorridente, mas efusivo e foi-me arranjar uma ligadura para atar à volta da cabeça que me abrisse em 5 lados.



ENFIM... OS



ELE TINHA AS PERNAS CANSADAS

Broas irónicas

Todas estas ideias me fogem, porém, quando a acompanhar o cartão vem uma caixa de garrafas de vinho do Porto!

Os filósofos e os psicólogos também festejam esta quadra do ano: os primeiros põem a filosofia de parte e embriagam-se com champanhe; os segundos avaliam do estado de alma do primeiro ingerindo em parcelas iguais o que este bebeu. Depois de cairem de bebados passaram a ser homens. E' bem certo que a verdade está no vinho!

As mulheres são as pessoas indicadas para se lhes dar as «Boas Festas».

O homem que inventou as «Boas-Festas» foi certamente o mesmo que inventou os Correios e Telégrafos.

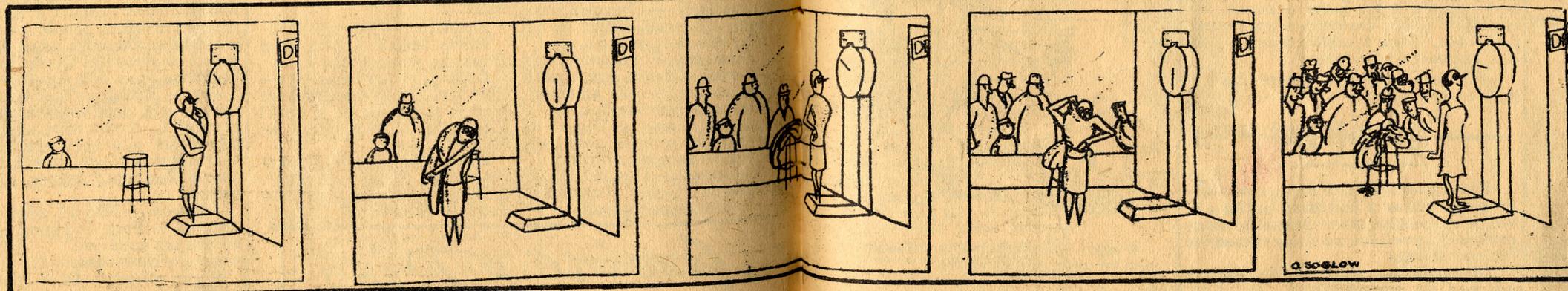
No bolo de rei estão patentes 4 grandes tranças da vida duma pessoa: a fava (sinónimo de burrice); o anel (sinónimo de casamento e palermice) a passa (o doce do primeiro tempo) e ainda a amendoa amarga, que não necessita de comentários!

O homem é tão pouco concizo no que quer que ao pedir as broas ficaria ofendido se lhas dessem!

Conheço um sujeito que é tão educado que ao receber as «Boas Festas», do carteiro, agradece retribue.

E' muito vulgar desejarem-se «Boas Entradas» a um fulano que acaba de morrer. Não é vulgar é que ele responda.

Boas Festas



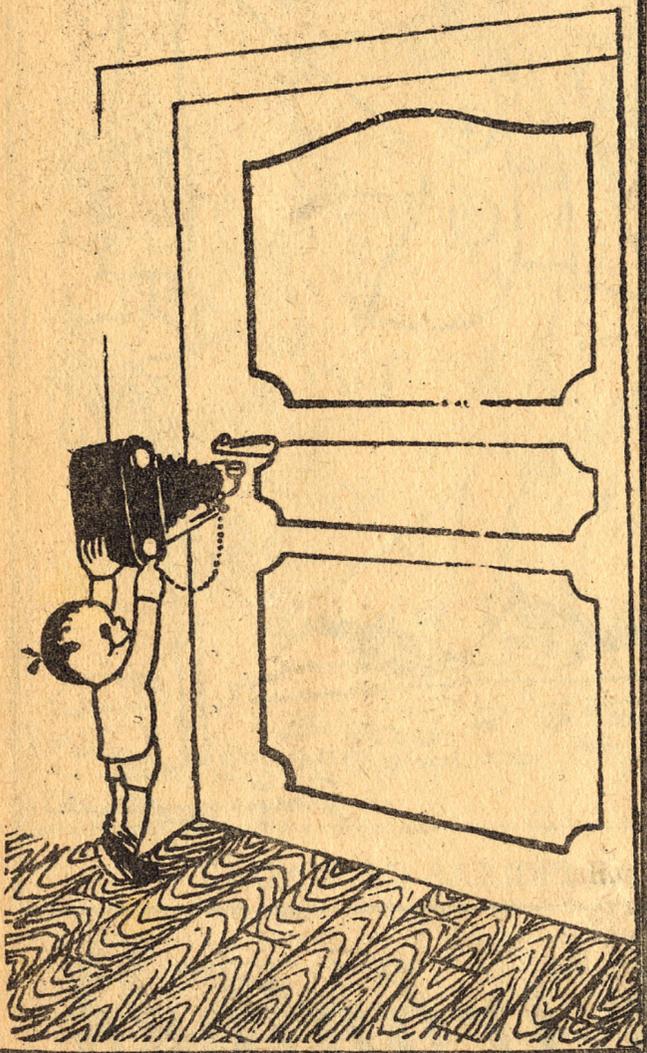
© 504LOW

Más... Boas Festas

«Fulano de tal, assim, assim, deseja Boas-Festas a V. Ex.^a e sua Ex.^{ma} família.»

Foram um pouco mais ou menos, estes,

HISTÓRIA SEM PALAVRAS



— O' João, quando te acostumarás a pensar em mim?!

e outros caracteres (num molde tipográfico mais ou menos fantazista, impressos sobre uns cartões, mais ou menos luxuosos), que fizeram com que Eu-rico Xavier Pelágio modificasse completamente à sua maneira de ser!

* * *

Eu-rico, era um pobre diabo, como muitos outros, que vivem do trabalho, para o trabalho, e considerava-se, um homem um pouco mais ou menos feliz, o que não queria dizer que fosse um feliz homem, dentro da relatividade, que a felicidade concede.

Um dia, quando regressava a casa, com duas peruas uma comível, para engordar, e, outra bebível, para o entornar, lembrou-se que era Natal, como assim, as «Boas Festas», e pensando nelas, lembrou-se deles, aqueles que, ansiosamente, esperam por «elas».

Somando as economias, juntou-as às sobras do orçamento e notou pesaroso, que nem umas, nem outras, davam para... dar, e seguindo a continuidade do seu pensamento, ocorreram-lhe à lembrança, os famigerados cartões, que nesta altura todos passar, mesmo, aqueles que durante o resto do ano, nunca lho passavam. Sempre mergulhado em más congeminações, entrou em casa, beijou a esposa, e foi desviado das suas reflexões, por esta que meigamente o repreendia. — Ah maroto, que me picaste! Só reparando então, que fora a barba demasiado crescida, quem provocara esse amuo. Pensou ir ao barbeiro, mas à lembrança dele, ocorreram eles, por causa delas e... deixou crescer a barba.

Os sapatos enlameados, recordaram-lhe a engraxadoria, mas à sua memória subiram os espelhos da dita, e... esqueceu a lama nos sapatos. Continuando a pensar nos espelhos, cartões, letras feitas a sabão, etc., etc., não se penteou para fugir aos espelhos, e foi ao cinema para se esquecer... mas nem aí podia estar socegado pois que sem reparar adquirira bilhete, para «Os três Espelhos» e... fugiu, ao ver o título. Voltou a casa! Quebrou os ditos, disse à esposa. — Varre para o lixo! Mas lembrou-se deles (os alucinados) e atalhou. — Não, não varras, nós não temos lixo! E continuou a pensar neles, aqueles que, nesta quadra do ano, não pensam noutra coisa, no mesmo momento em que eles, pensavam nele (transmissão de pensamento) e pensava ainda, quando a campainha da porta, o fez voltar à realidade. Foi abrir e deparou com um carteiro, que na frente lhe estendia um «vale de correio» registado, ao mesmo tempo que pronunciava. — O senhor Eu-rico Xavier Pelágio! Mas... ele fitando o vale, notou sobre o mesmo, um minúsculo cartão, dos «tais» e que parecia provocá-lo. Fitou o cartão, mirou o vale e... respondeu ao carteiro:

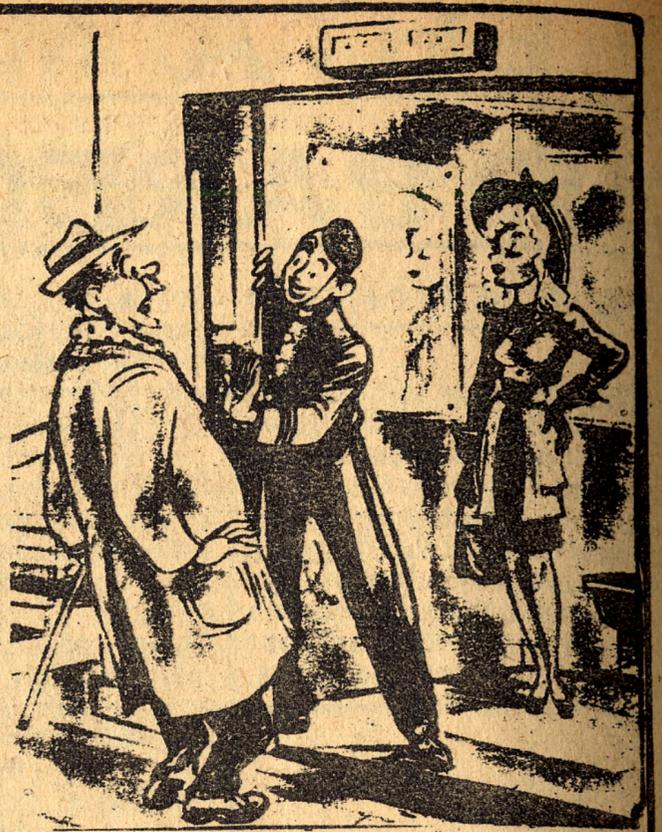
— O senhor Eu-rico Xavier Pelágio já... cá não mora.

Eu, Outro Eu, e mais Aquelo

ATENÇÃO

Por absoluta falta de espaço tivemos de retirar a habitual secção «Aí vai a resposta», bem assim os concursos «Esqueletos no Ar» e «Quadras Humorísticas».

Do próximo número em diante entrará na normalidade.



— Faz favor de esperar um momento porque está a lotação esgotada!



— Peço perdão a V. Ex.^a!... sempre gostei de recordar a mocidade!



O cego: — Cavalheiro, cavalheiro!... não vê onde põe os pés?!

AS BARBAS

de D. JACINTO VIII

ESTAVAMOS no ano da graça de 1258 e governava El-Rei D. Jacinto VIII cognominado «O BARBAÇAS» que sucedera a seu pai D. Agapito Sanches, antigo caixeiro viajante de uma importante casa comercial. Quando atingira a idade de 18 anos, começara D. Jacinto a sofrer de uma doença de pele, motivo por que nunca fizera a barba que lhe crescera assustadoramente enquanto a seborreia o encalvecia de um modo precoce e irritante!... Cinquenta e quatro anos depois de ter nascido, festejara El-Rei D. Jacinto o seu 54.º aniversário tendo nessa altura umas respeitáveis barbas que lhe ficavam muito bem nos retratos que mandava tirar e às quais dispensava excepcionais cuidados e desvelos quando não tinha parceiros para a busca ou para o dominó...

Ora uma manhã houve um reboliço extraordinário no Paço!... Qualquer coisa de anormal havia roubado a quietude no Castelo de CHAMICEIRA. Os lacaios, em correrias doidas, chocavam-se mutuamente e deslizavam pelas escadarias em cambalhotas brutais e perigosas!... As damas da corte tropeçavam nas saias compridas, (era moda naquele tempo) e caíam no lagedo frio soltando uns gritinhos como só elas sabiam dar. Fora o caso que El-Rei aparecera pela manhã sem as suas tão apaixonadas barbas!!!... Foram imediatamente afixados editais nos marcos fontenários e outros lugares públicos de costume, propondo a oferta de 300 alqueires de feijão carrapato, a todo o que apresentasse o «rapador» das barbas de D. Jacinto. Tal desaparecimento foi o assunto predominante de todas as conversas naqueles dias, não se falando até em futebol, doença que, todos os domingos, costumava dar um grande contingente de alienados para as casas de «especialidade»...

Dois dias depois da afixação do supra dito edital, El-Rei ouvia um aldeão que se apresentara voluntariamente para esclarecer o caso e que falava assim:

«— Majestade, sou eu a única pessoa que poderá dizer quem foi o rapador das vossas respeitáveis barbas!... Como sabeis ficades agora sabendo, eu sou o ensaiador do grupo cénico da aldeia aqui próxima.

Ora a peça que pretendíamos «levar à cena» exigia uma personagem de barbas.

Rapámos as peras a 40 chibos de 20 rebanhos, mas não conseguimos arranjar umas barbas apropriadas ao personagem. Só

indicadas para aquele papel e na noite anterior à da récita, penetrei no Castelo sem dizer nada à família, e rapei-vos as barbas com a máquina do barbeiro aqui da esquina... Majestade, se eu tiver de ser decapitado, só vos peço um único favor: Mandai a minha cabeça à minha mulher que anda a tomar parte no Concurso de Cabeças no Ar... Agora se El-Rei me vomitar o vosso perdão, oferecer-vos-ei este líquido que vos fará nascer as barbas de um dia para o outro e até o cabelo se necessário fôr...»

D. Jacinto deu um salto de dois metros no trono e exclamou doido de alegria:

«— Isso é verdade? Voltar-me-ão as barbas e o cabelo?»?

«— Fico por isso, —» (respondeu o aldeão.

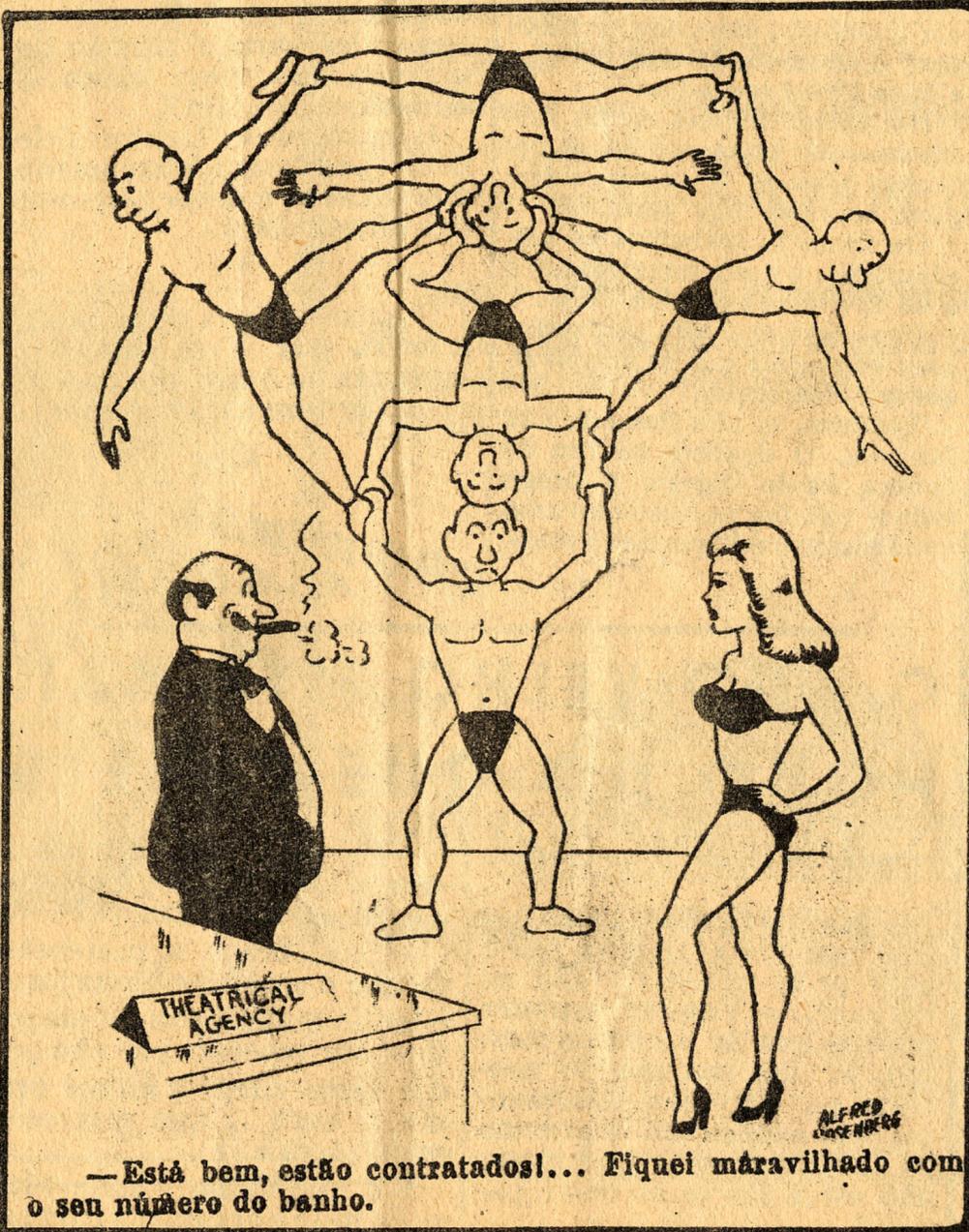
«— Estades perdoado! Somi-vos!...

No dia seguinte todo o palácio estava de luto. El-Rei tinha falecido. O cabelo crescera-lhe de tal modo, caíra-lhe uma guelha tão grande e compacta sobre o rosto que lhe afogara a respiração!...

ALFREDO ABREU
(AVEIRO)

2-PARA O MELHOR CONTO

A boca Ti Caldêra ruê os cavides à cavra da mulher do



— Está bem, estão contratados!... Fiquei maravilhado com o seu número do banho.



— É um elegante: só usa fatos feitos por medida!

Carta Saloia

Immila

Zé dá Montarêra, por môr diço o home da boca da Caldêra adessafiou prá purraida o Zé. Olha só tadigo quia sando o fim do mundo. O Zé arremalgou os olhos árregaçou prá vanda decima as mangas ácomessouce apour da côur dos cunárços e áspois foi um vê setavias. Êcá inda fiz o impuçível prácepará-lus.

Errains vocês aparecem vru-tos hómel Prantei um pé áfrante e dizi-lhes: Sunão aparam já, alevam já 2 borrachus neças trembas já. Áspois o quemacon-teceu anão melembrú, à minha mimoira aparece-me que dige culevei uma marráda com le-cença aqui pratráz. Pesso-te que não temortifiques quisto não tem impurtaça, os curandêros cádu óspitalu sãum dópunião queu só fico casduas pernas acurtadas. O cassuvéja, a berriga braços e cavêxa afica tudo inteirinho.

Immila cando marrincarem as gambias avou logo a correr prá tua compehia raio.

Comprimentos prá familia dos Zés Milhanas ao primo Jaquim Candeias e ao mé irmãum Mannel Sapatêro e tu minha Immilazinha decaminho arreceve bijócas do teu hómel Esquim Far-rubinha, óspitalu dos duentes cama 13.

Américo José Gírio

Só se consegue um ano/ alegre, lendo o "RISO"!

O serviço de farmácia e a farmácia de serviço

A farmácia desempenha um papel preponderante na vida da humanidade. É ela que dá o remédio para todas as doenças, desde a vulgar constipação à mais rara enfermidade.

Esse papel é tão grande que se transforma nos papelinhos que encerram as mais diversas drogas.

Mas não é só em papelinhos que o farmacêutico avia os medicamentos. As hóstias, as pilulas (mais conhecidas por *pirulas*), as caixinhas, os frasquinhos, os conta-gotas, as ampolas, enfim, todo esse formidável arsenal de que dispõe a farmácia torna a vida do pobre farmacêutico numa das coisas mais aborrecidas deste mundo.

O que vale é o facto do seu estabelecimento se transformar em ótimo centro de cavaco.

E, então, ele vê todos os dias, a horas certas, meia dúzia de amigos reunir-se a um canto da farmácia. Palavra puxa palavra, anedota daqui, anedota dali, e o tempo, desta forma, corre amenamente.

O farmacêutico vai ouvindo e, de vez em quando, mete a sua colherada tanto nos boiões como nas conversas.

É raro encontrar-se uma farmácia deserta. Há sempre um velho cavaqueador, de olhos fumados, que dá fé de quem entra e de quem sai, e se senta num dos banquinhos espalhados pelo estabelecimento.

Quando não é um velhote, é um gato. E quando não é um gato, é uma ave, pelo menos, embalsamada.

É isto, a largos traços, a farmácia.

Agora, caríssimos alunos, analisemos como é feito o serviço.

Muito simples, como vão ver. Resume-se nisto: ter muita atenção.

O freguez entra, entrega a receita e espera o tempo que for preciso. E o farmacêutico toma a receita, dá tratos de polé para

perceber os gatafunhos do médico e executa.

Se é uma especialidade, nada mais simples. Dirige-se ao armário tal, prateleira tal e retira o remédio, que entrega ao freguez em troca do dinheirinho. Evitar, quanto possível, os fiados porque os fregueses, uma vez curados, levam um tempo imenso para pagar. Enquanto estão doentes, prometem muito, mas, depois, já não querem saber da farmácia para nada.

Se a receita tem que ser ma-

nipulada, o freguez terá de voltar mais tarde.

— Traz frasco? — pergunta o farmacêutico ao freguez.

Se traz, muito bem; se não traz, já sabe que tem de pagar cinco ou mais escudos por um frasquinho quasi invisível que pouco mais vale que dez tostões.

Porquê esta diferença de preço? É que o frasquinho terá de ser devidamente lavado e, muitas vezes, esterilizado com... água da Companhia. Além disso há que pagar a mão d'obra.

Como já dissemos, é necessária muita atenção por causa dos enganões.

Claro que é sempre muito aborrecido aviar clorato de sódio em vez de sulfato de sódio. Para evitar percalços deste tomo, coloca-se no frasco do clorato um papelinho chamado «rotulo» com o desenho de uma caveira e duas tibias cruzadas.

Há vários frascos numa farmácia com estes macabros desenhos que só de os ver, o freguez sente-se logo animado.

De todos os trabalhos de manipulação, o mais interessante é o do fabrico de pilulas.

Que destreza não é precisa para conseguir que as pilulas fiquem todas iguais!

Também, se não ficarem, não faz mal. O doente, no fim de contas, ha-de ingerir a droga toda e não faz ao caso que uma vez tome uns miligramas a mais,

e outra uns miligramas a menos.

Depois, temos as pomadas, que são o tormento do farmacêutico. Banha e mais banha... Que porcaria!

O maior tormento é, ainda, estar o farmacêutico muito sossegadinho a dormir e, altas horas da noite, vir um estafermo qualquer tocar à campainha só para comprar papel de Arménia, lá porque a farmácia está de serviço!

Enfim, quando terminarem este curso, não se esqueçam que a nossa profissão anda à volta

destes dois pontos essenciais: muita atenção e muita simpatia.

Um farmacêutico que seja simpático, tenha sempre um sorriso nos lábios e saiba atender com afabilidade, contribui grandemente para a cura do doente, quando é este que se lhe dirige.

E quando não é, faz de conta.

JOSÉ ALMOFARIZ

(Director do Laboratório das Escadinhas da Saúde)

A seguir:

A DIPLOMACIA ACIMA DE TUDO

VIDA E MORTE DUM HOMENZINHO METÓDICO

(Continuação da pág. 3)

te Tibúrcio lembrou-se de morrer, como todos os homens, metódicos ou não.

Mas, para maior economia de tempo, escolheu, precisamente as 0 horas.

Na tarde do dia em que expirou o último suspiro, chamou a cara-metade e pediu, um tudo nada choroso:

— Eufrazia, vai a caso do cangalheiro e diz-lhe que aquilo de que lhe falei deve ser preciso esta noite. De caminho passa pelo talho e diz ao Joaquim que o bife que encomendei para o almôço de amanhã fica sem efeito... Não esqueças, sim?..

E havia duas lágrimas de comover o mais desarrumado dos homens a despegarem-se dos olhos tristes...

* * *

O caixão descia lentamente à terra fria. Três pancadas emitidas do outro mundo soaram lúgubrememente. A tampa

— * —

QUER UM BOM CONSELHO?
ASSINE O RISO!

O ANO VELHO ESTÁ MAIS NOVO DO QUE PARECE

(Continuação da pág. central)

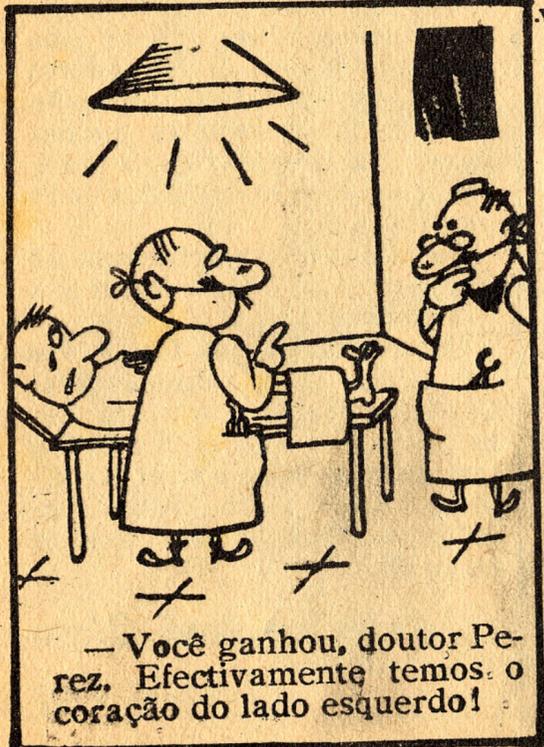
— Sente-se [muito cansado?

— Que ideia! Ainda estou aqui pr'as curvas!... Ai as curvas!... Vou-me embora porque tem de ser assim mesmo. É um sistema de contrato por 365 dias. Realmente, pelo aspecto dá impressão de que estou gasto; no entanto não estou tão velho como parece!

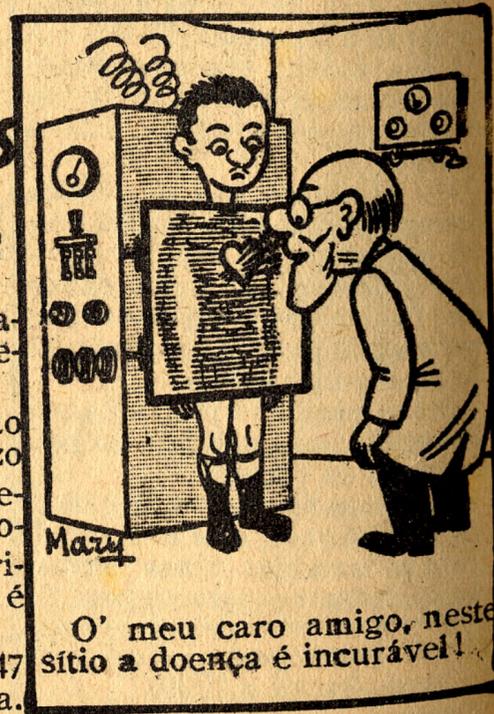
— E, para terminar, digam-nos só: não tem alguma pretensão, ao ir-se embora?

— Sim, tenho a pretensão de que o meu filho tenha juizo e tenho muita pena de me retirar no inverno por não poder dizer adeus à minha prima... verá... que sempre é mais quentinha!

E o Ano Velho — vulgo 1947 — ficou-se a arrumar a trouxa.



— Você ganhou, doutor Perez. Efectivamente temos o coração do lado esquerdo!



O' meu caro amigo, neste sitio a doença é incurável!



O AJUSTE PERFEITO

É TAMBÉM IMPORTANTE
NAS PEÇAS DE AUTOMÓVEL



Os acabamentos e ajustamentos só são necessários quando os mecânicos utilizam peças FORD LEGÍTIMAS.

As peças FORD LEGÍTIMAS foram fabricadas correctamente para realizarem ajustes perfeitos, permitindo aos mecânicos maior número de tarefas, mais facilmente, mais rapidamente e — MELHOR!

Graças à assistência dos Concessionários Ford através de todo o País, aos seus esforços e às suas iniciativas foi e é possível manter UM SERVIÇO EFICIENTE, UMA ASSISTÊNCIA PERMANENTE.



